



Metamorfoses  
Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros  
ISSN: 0875-019, v.20, n.2, e64151, 2023  
DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.a64151

Apresentação

## Eduardo Lourenço: “um rio luminoso”

Gilda Santos 

Real Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: santos.gilda.rj@gmail.com

Marlon Augusto Barbosa 

Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.  
E-mail: marl.augustbarbos@gmail.com

Correspondendo à vocação de um ensaísmo que postula imagens e por meio delas exercita o pensamento, este número da revista *Metamorfoses* concebe a escritura de Eduardo Lourenço como um “rio luminoso”, matriz de vasta bacia hidrográfica que desemboca no “mar sem fim” do pensamento. Os textos aqui reunidos são testemunhos dos responsáveis por coordenar a edição das suas *Obras Completas*, sob a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian. Evocando a imagem fluida que pode assumir um corpo hidrográfico, esses relatos de trabalho, que são já leituras críticas, canalizam os diversos cursos de pensamento abertos pela reflexão de Eduardo Lourenço e mapeiam a topografia de um complexo esquema de rios que se expandem, ao modo de um rizoma.

Na nascente desse rizoma hídrico, o primeiro texto do nosso percurso intitula-se *Lusofonia e Lusofolia*, e configura um testemunho/celebração da Literatura Portuguesa. O texto é uma transcrição inédita feita por Maria de Lourdes Martins de Azevedo Soares de uma comunicação realizada pelo próprio Eduardo Lourenço no âmbito do Colóquio de Direito Internacional da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. A celebração indicada por Lourenço se fez em torno da comunidade lusófona, na presença das lideranças dos países africanos de Língua Portuguesa, 22 anos após o fim das guerras coloniais que assolaram os territórios africanos dominados por Portugal.

### Editor-chefe

Sofia Maria de Sousa Silva  
Paulo Ricardo Braz de Sousa

### Editores convidados

Gilda Santos  
Marlon Augusto Barbosa

### Como citar:

SANTOS, Gilda;  
BARBOSA, Marlon  
Augusto. Eduardo Lourenço:  
“um rio luminoso”.  
*Revista Metamorfoses*, v.20,  
n.2, e64151, 2023. doi:  
[https://doi.org/10.35520/  
metamorfoses.2023.a64151](https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.a64151)

Sem lidar com a questão de forma acrítica, Eduardo Lourenço reflete sobre a questão da comunidade lusófona – tão marcada pelo trauma que o império imprimiu no povo lusitano e nas demais comunidades no além-mar – não para buscar uma origem, um universal, mas sim abordar a pluralidade de representações que a “aventura” portuguesa produziu ao redor do mundo ou, nas palavras do próprio Lourenço, de que “não há um centro da lusofonia, um centro individual só porque este é o sítio, efetivamente, onde a língua, tal como nós a falamos hoje, se constituiu naquilo que ela é hoje, herdada da latinidade, mas que há vários centros e que essa descentração é uma riqueza para a Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa”.

Assim, após a comunicação nascente, transcrita da fala do próprio Lourenço, somos conduzidos ao texto do professor Carlos Mendes de Sousa. Esse primeiro afluyente deriva de uma leitura do terceiro volume das *Obras Completas, Tempo e Poesia*, contando com material inédito à essa obra crítica e ensaística, publicada pela primeira vez em 1974. Do encontro de Lourenço com a produção poética moderna, Carlos Mendes de Sousa chama a nossa atenção para a prática de leitura do ensaísta, capaz de ultrapassar o panorama crítico de sua época e, para além de produzir um olhar crítico ou teórico dessa produção, fazer dos poemas com que trabalha uma morada. Habitar o poema e, inscrevendo e escrevendo neles e com eles uma expressão do próprio sujeito/leitor; isto é, Eduardo Lourenço produzindo em seus ensaios um “efeito afetivo” que indica também uma forma do ensaísta e dos poetas habitarem o mundo.

Habitar o texto e inscrever seu olhar marca o trabalho ensaístico de Eduardo Lourenço. Sua inclinação a pensar Portugal e seu campo literário não deixa de buscar na tradição fundacional dessa literatura as marcas que traduzem o país em sua contemporaneidade. No exercício de deslocar e tornar contemporânea essa tradição se realiza o texto de José Augusto Cardoso Bernardes, intitulado “*Eduardo Lourenço, Camões e Portugal: diálogos de rebeldia*”. Debruçando-se sobre o sexto volume das *Obras Completas, Estudos sobre Camões*, Bernardes indica como essa morada é, e sempre foi, espaço de embate e sobrevivência da ideia que se pode ter a respeito de Portugal, de seu povo e da produção literária. O rio que corre no tempo, de Camões aos modernos, é navegado por Lourenço como uma imagem de continuidades e rupturas capazes de alimentar o desenlace plural de vozes que são as águas de seus afluentes até o mar que representa a história portuguesa. Queremos dizer com isso que a intertextualidade possível da obra camoniana, seja com seus contemporâneos, seja com os autores modernos, é chave central na apresentação que Bernardes faz desse volume das obras de Lourenço, indicando seu caráter aurático, capaz de entrelaçar minuciosamente os textos camonianos num panorama em constante expansão e fluidez.

Mas não é somente de encontros que se faz a intermediação dos canais que ligam a obra de Eduardo Lourenço, como fica explícito no segundo volume das *Obras Completas* apresentado por António Pedro Pita. Sob o título “Eduardo Lourenço e o neo-realismo: reflexões sobre um desencontro”, Pita desvela como a formulação autobiográfica dos ensaios contidos nesse volume inserem um movimento em que Eduardo Lourenço busca (re)encontrar um elemento da Literatura Portuguesa próximo de seu tempo, mas, paradoxalmente, perdido de sua atenção mais direta. O caráter autobiográfico dos ensaios presentes no segundo volume das *Obras Completas* não passa despercebido para António Pita que indica como os canais dessa obra são passivos de divergência antes de se entrecruzarem novamente em outros momentos da vida do ensaísta. Os elementos biográficos que inserem o jovem Lourenço na constelação neorrealista ficam evidentes no texto de Pita ao passo que é marcada a oposição de Lourenço ao salazarismo e sua atuação na revista *Vértice* na década de 1940.

Das relações de divergência, produção de diferença e encontro com o outro distanciado, continuamos as reflexões em torno da obra de Eduardo Lourenço na apresentação feita por Maria de Lourdes Martins de Azevedo Soares do quarto volume das *Obras Completas, Tempo Brasileiro*. O esforço de organização dos textos de Eduardo Lourenço em torno da literatura e da identidade brasileira se revela inversamente proporcional à breve permanência de Eduardo Lourenço no Brasil. A natureza dispersa dos escritos, muitas vezes resgatados de fragmentos e rascunhos do ensaísta, demandou uma tarefa mais do que necessária para que hoje tenhamos organizado um número inteiramente dedicado ao Brasil nas *Obras Completas*. Esse canal que liga a história de Lourenço ao Brasil atravessa o Atlântico e insere no horizonte ensaístico do autor o *fascínio* com esse outro da identidade portuguesa que se mostra por vezes mais em suas diferenças do que em suas continuidades. As questões em torno da história, da cultura e da identidade, que já marcavam fortemente a produção de Lourenço, permanecem presentes na relação que o autor estabelece com o Brasil. A forte aproximação de Lourenço não só com a literatura, mas também com o cinema de Glauber Rocha permeiam a apresentação de Maria de Lourdes que não deixa de apontar a relação intrínseca de Lourenço com as representações que se queriam orquestrar em torno da cultura brasileira. O encontro com esse outro, maior que uma mera continuidade da lusitanidade, marcou os debates acirrados com pensadores da Literatura Brasileira, o contexto – contemporânea à época – de emancipação das colônias em África e a formulação de uma possível comunidade de países lusófonos.

Sendo assim, a presença de Lourenço no nosso território nacional, seu tempo lecionando na Universidade da Bahia e sua participação nos fóruns de debate nacionais não passa despercebida e assume a real dimensão de sua breve grandiosidade no percurso intelectual de Lourenço. Porém, o convite a permanecermos navegando

nessas águas recém canalizadas encerra o ensaio num tom que demanda continuidade. Assim como aponta a autora: “evidenciam-se as não menos problemáticas relações dos brasileiros com o tempo e também os (des)encontros entre o *tempo brasileiro* e o *tempo português* – cujo nó encontra-se nos três séculos de história comum, o tempo da colonização, labirinto de complexos, traumas e ressentimentos mútuos –, assim como a repercussão desses tempos (des)encontrados no ‘tempo europeu’. Trata-se, como se pode perceber, de um convite para que possamos, enquanto leitores dessa vasta obra, pensar nossas inquietações com os tempos de lá e de cá que ainda sobrevivem no imaginário nacional em tantas camadas de cultura e história. Assim, encerrando o percurso das ideias organizadas por alguns dos coordenadores desses volumes das *Obras Completas de Eduardo Lourenço*, o que nos resta não é um sentimento de encerramento. Fica latente a necessidade de se projetar uma continuidade do processo de navegação nas ideias formuladas pelo ensaísmo de Lourenço, para que se continuem a bifurcar, encontrar e expandir os rios que alimentam a obras em torno não só da literatura de Portugal, mas das demais comunidades que tiveram sua história e cultura cruzadas no contato com o mar português.

Marlon Augusto Barbosa apresenta um texto intitulado “O ensaísmo de Eduardo Lourenço”. Nele, o autor defende que Lourenço seria uma espécie de herdeiro da “experimentação” camoniana – entendendo, via Jacques Derrida, que “herdeiro não é apenas alguém que recebe”, “é quem escolhe”; e que “a sua herança [consistia] naturalmente na interpretação e nas escolhas daquilo que ele herdava, promovendo uma espécie de movimento crítico diante da tradição”. Esse movimento crítico não deixou de apontar muitas vezes para um possível trabalho de autognose, defendido pelo próprio Eduardo Lourenço acerca da literatura, empreendido também pelo ensaísmo. Para Barbosa, o ensaísmo de Eduardo Lourenço seria atravessado por diversas imagens recorrentes apontando para uma imagologia, isto é, estabelecendo relações entre a sociedade, a literatura e a sua própria prática como ensaísta, a partir daquilo que ele mesmo postula como uma conflituosa relação entre as imagens – literárias ou não – forjadas e manipuladas para constituir a identidade de uma sociedade e os incessantes movimentos de *contra-imagem* lançados pela literatura.

Além desse pequeno dossiê dedicado a Eduardo Lourenço, o leitor encontrará neste número da Revista *Metamorfoses* três outros textos: um dedicado ao estudo da Literatura Portuguesa e dois ao da Literatura Brasileira. O primeiro recebe o título de “*O paraíso são os outros*, de Valter Hugo Mãe: um olhar sobre a necessidade de amar no século XXI”. O ensaio, assinado por Karen Belarmino Lourenço da Silva, que focaliza um autor da Literatura Portuguesa Contemporânea, caminha por alguns textos de Valter Hugo Mãe refletindo sobre a noção de poesia-resistência desenvolvida por Alfredo Bosi e estabelecendo diálogos importantes entre livros de Valter Hugo Mãe, a poesia camoniana e com a obra de Jean-Paul Sartre. O ensaio não deixa de ser um pequeno passeio amoroso e político por algumas obras do autor em questão.

João Victor Sanches da Matta Machado escolhe o romance *Anatomia do Paraíso*, de Beatriz Bracher como objeto literário a ser analisado em seu ensaio intitulado “Enquadrar a imagem, expandir a leitura: *Anatomia do Paraíso* e as janelas de Beatriz Bracher”. Nesse texto, que trabalha com diversos caminhos de leitura que englobam cinema e literatura, o autor aponta para alguns procedimentos narrativos recorrentes na Literatura Brasileira Contemporânea. O romance de Beatriz Bracher, segundo o autor, ensaia uma cena de leitura, em que dois leitores se colocam diante uma mesma imagem ou um mesmo enquadramento, mas que, paradoxalmente, apontam para diferentes perspectivas de leitura e escuta do mundo. Nessas cenas, encontramos uma elaboração teórica da relação entre imagem e leitor dentro do próprio objeto literário.

O último texto, intitulado “Relato de um certo contemporâneo: o caso de Milton Hatoum”, não foge à temática do contemporâneo. Nele, Fabrício Lucas Sampaio Moreira Almeida, percebe que, nas obras de Milton Hatoum, há estratégias de composição que problematizam o tempo e a narração à medida que também exploram tematicamente a escrita como um esforço de compreensão de um mundo irremediavelmente marcado pelas ruínas. Fabrício Sampaio encara teoricamente essas ruínas e investiga em *Relato de um certo Oriente* como Hatoum mobiliza o tempo e a história, desestabilizando as concepções mais tradicionais desses conceitos. Os três ensaios apontam, de certo modo para o caráter desafiador que é marca da Literatura Portuguesa e Brasileira Contemporânea: expressões multifacetadas que, pelas mãos de um escritor, faz emergir um conglomerado de tempos e espaços no agora – ruínas a serem lidas.

Este é o número da Revista *Metamorfoses* que oferecemos aos leitores. Os artigos marcam a seriedade do trabalho de pesquisa e uma sensibilidade demonstrada pelos autores na consideração com a obra de Eduardo Lourenço e com o texto literário e a leitura competente desses textos, que certamente em muito contribuem para o conhecimento e para novos estudos. A todos, uma excelente leitura.